

Delfim Santos e o neopositivismo

José Maurício de Carvalho

Neste artigo comentamos o livro *Situação Valorativa do Positivismo* publicado por Delfim Santos em 1938. A obra faz uma crítica ao movimento neopositivista que ganhou projeção nas primeiras décadas do século passado, valendo-se das próprias ideias veiculadas pelo movimento. O foco principal do texto são as ideias divulgadas pelo Círculo de Viena, importantes, segundo Delfim Santos, para redefinir o papel da ciência e do significado de suas teorias. Com a obra o autor espera recuperar o significado da discussão metafísica que o neopositivismo considerava reunião de teses sem sentido. O projeto guarda semelhança com o propósito de Kant e teve forte impacto em Portugal e Brasil, marcados pela herança pombalina que deu ao positivismo comtiano extraordinária força.

1. Considerações iniciais

Neste trabalho examinaremos o livro *Situação Valorativa do Positivismo*, concluído em Berlim no ano de 1938. É o primeiro de uma trilogia que se completa com a publicação de *Da Filosofia* (1939) e de *Conhecimento e Realidade* (1940). As obras conjuntamente resumem o fundamental das considerações ontológicas e epistemológicas do filósofo. O exame particular de um dos livros da trilogia pode não expressar precisamente as posições mais maduras do autor, que surgem quando temos em vista os três livros. O essencial da obra é que nela está concentrada a crítica delfiniana ao positivismo que é o ponto de partida de sua reflexão filosófica. Nisso consiste o seu principal valor e porta de entrada na filosofia contemporânea: a crítica da concepção positivista de ciência e a recuperação do significado da Metafísica.

O exame específico da obra *Situação Valorativa do Positivismo* neste evento preenche uma lacuna que cabe registrar. Apesar do magnífico *Congresso*

Internacional Delfim Santos e a Escola do Porto (2007), dedicado ao exame do seu pensamento e cujas *Atas* são aqui mencionadas e das obras editadas sobre o filósofo português, suas ideias continuam sendo muito pouco examinadas e conhecidas no pensamento filosófico português contemporâneo. A reedição das *Obras Completas* de Delfim Santos, coordenada por Cristiana Paszkiewicz e lançada pela Fundação Calouste Gulbenkian, não alterou esse panorama.

Situação Valorativa do Positivismo é um esforço, esclarece seu autor, para «situar o positivismo no seu próprio lugar e valorizá-lo referentemente à esfera de realidade a que diz respeito à teoria» [SANTOS 2007, 129]. O livro foi escrito parte em Viena, em 1936 e parte em Cambridge, no ano seguinte, como relatório enviado ao *Instituto para Alta Cultura*, do qual ele era bolsista. A estratégia do autor era se conservar no âmbito da tradição epistemológica para, de dentro dela e considerando os argumentos dos próprios positivistas, apontar as contradições de um projeto intelectual que se «atinge pela clarificação dos conceitos e enunciados da ciência e pela decidida eliminação da metafísica» [SANTOS 2007, 130].

O capítulo II do livro *O pensamento filosófico de Delfim Santos*, de Maria de Lurdes Santos Fonseca Marques, editado em Lisboa pela Casa da Moeda, traz uma análise do livro *Situação Valorativa do Positivismo*. Como observa a autora o propósito fundamental da obra parece ser mostrar que a metafísica «é o fundamento último da ciência (...) sendo a determinação da realidade um tema de especulação filosófica por excelência» [MARQUES 2007, 48]. Sobre a posição de Delfim Santos, comenta Maria de Lourdes Marques que se trata de uma crítica construída de «dentro das linhas matriciais em que ele se move e, conseqüentemente, a partir dos pressupostos epistemológicos daquela corrente filosófica» [MARQUES 2007, 47]. Cristiana Paszkiewicz também menciona o fato de que a obra «é uma notável crítica positivista ao positivismo» [PASZKIEWICZ 2000, 28].

O filósofo espera levar adiante seu projeto examinando os conceitos de verdade, sentido e verificação que constituem o núcleo do novo positivismo. «Como se esforçou para explicar, não pretendia combater o positivismo partindo de premissas que de antemão lhe eram antagônicas» [CARVALHO 1996, 142]. O texto promove tanto a recuperação do sentido do filosofar e do valor da

metafísica, que renascem fortalecidos das reflexões delfinianas, como a precisa crítica a um tipo de metafísica que se falsifica quando a Filosofia se afasta da ciência moderna.

O esforço delfiniano responde claramente ao desafio do seu tempo: reconstruir as bases da evidência e da verdade, preservando a consciência dos limites presentes em qualquer representação de mundo que possa o homem construir. Neste aspeto, ele avança na demonstração da verdade proposta pelo neopositivismo de Viena e pelo neoempirismo inglês, apontando em que região da realidade ela é válida e onde fracassa. Tal estratégia intelectual não se afasta do propósito último de Immanuel Kant que Karl Jaspers traduziu pelo nome de autêntico iluminismo, conceituando-o na sua obra *Iniciação Filosófica* como aquele que:

embora não imponha do exterior e por coação um limite ao pensamento e à possibilidade de interrogação, possui, todavia, a consciência do limite factual porque não só pretende esclarecer o ainda não investigado, os preconceitos e supostas evidências, como também esclarecer a si próprio [JASPERS 1987, 83]

O livro que responde ao desafio daqueles dias possui no universo luso-brasileiro um valor adicional porque situa o desafio de entender e aceitar a Física moderna num contexto que prorrogava, além do esperado, a adesão ao positivismo oitocentista e a sua visão de ciência. No caso brasileiro, a consciência da necessidade da revisão estende-se até os primeiros anos da década de vinte com disputas intensas. Os episódios descritos por Lélío Gama, Licínio Cardoso e os cursos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro revelam o quanto o positivismo comtiano estava firme e precisava de revisão. A derrota do positivismo comtiano, nos meios científicos brasileiros, ocorreria a partir da visita de Einstein ao Brasil em maio de 1925. No entanto, aspetos do antigo positivismo permaneceriam influenciando a vida política e moral do país, numa reedição da mentalidade pombalina. Toda esta situação é descrita por Antônio Paim nos itens 2 e 3 do capítulo VI de sua clássica *História das ideias*

filosóficas no Brasil razão pela qual não precisa ser detalhada aqui [PAIM 1997].

2. O problema contido em ‘Situação Valorativa do Positivismo’

O livro de Delfim Santos foi elaborado em oito capítulos, além da introdução e conclusão. Como afirmou Conceição Azevedo no comentário que escreveu a um dos capítulos da obra, ela «*trata o problema da unidade substancial versus pluralidade do real, isto é, reflete sobre o ser – mas numa ótica gnosiológica*» [AZEVEDO 2008, 259].

O autor dividiu o livro nos seguintes capítulos: Expressão e verdade, Forma e relação, Sentido e verificação, Lógica e experiência, Indução e probabilidade, Causalidade e realidade, Leis e princípios, Racionalidade e explicabilidade. Como o pensador desenvolve suas ideias?

No primeiro capítulo, Delfim Santos trata da linguagem como representação de mundo. O significado da linguagem, ele observa, muda durante a história e a própria palavra ‘realidade’ adquire significados diversos ao longo do tempo, contemplando aspectos do mundo dificilmente traduzíveis de uma geração para outra. Como a língua expressa as relações entre as coisas e delas com os homens é inevitável que questionemos se ela cria falsos problemas. Para resolvê-los há de se encontrar um meio de identificar os falsos problemas, para o que é necessário criar elementos de referência. As diversas ciências sugerem a existência de diferentes regiões da realidade, cada uma com o seu universo próprio de referência. Fica o problema de entender como se pode falar de um ideal único de ciência. O neopositivismo representado pela Escola de Viena considera ser a ciência um sistema de enunciados e não uma reunião de nomes. Assim, o que importa «*não são as coisas, mas as relações entre as coisas que importa conhecer*» [SANTOS 2007, 136]. Para se construir uma ciência é necessário que os fatos enunciados sejam acompanhados dos meios de verificação e assim o significado dos fatos tornou-se assunto de muitas discussões. Das discussões o que se conclui é que

a noção de fato é indecomponível e o valor lógico do enunciado não consiste na sua composição elementar, mas no seu sentido [SANTOS 2007, 138].

Em outras palavras, o novo positivismo entende que é na coerência dos enunciados que se deve buscar a verdade. Trata-se, observa Delfim Santos, do uso do ideal matemático de ciência para todo o corpo da ciência em contraposição ao que propõem os empiristas. A maioria dos membros do Círculo centra sua atenção na composição dos dados protocolares que representam o mundo e não se dá conta de que matemática e ciências da natureza constituem diferentes regiões da realidade, com exigências diferentes. Delfim Santos então se posiciona assim:

não julgamos que seja possível reduzir o critério de verdade ao critério de probabilidade e não julgamos também que valha a pena, como fez Schlick, o esforço para manutenção do critério monista de verdade [SANTOS 2007, 142].

Como já indicamos:

Ao positivismo que se preocupa além da verificação empírica, com a consistência lógica das proposições, Schlick chama de positivismo lógico ou empirismo consequente [CARVALHO 1986, 36].

Delfim Santos se posiciona contra o uso da probabilidade e do monismo ontológico típico desse positivismo, diferenciando conhecer e dizer a verdade como coisas diversas. Conforme escreve Conceição Azevedo, Delfim Santos termina o capítulo deixando-nos claro sua visão do problema: para ele «*o conhecimento é fruto da investigação científica (...), numa constante procura de eliminação do erro*» [AZEVEDO 2008, 260]. No entanto, o fundamental do capítulo parece ser que o problema da linguagem e da expressão da verdade pede o reconhecimento de diferentes regiões da realidade, fato não reconhecido pelos representantes do Círculo de Viena contra os quais inicia seu posicionamento aprofundado nos capítulos seguintes.

No capítulo seguinte intitulado *Forma e Relação*, Delfim Santos resume o propósito do novo positivismo como sendo

um esforço poderoso e compreensivo de natureza filosófica para clarificar os conceitos da ciência e eliminar os enunciados sem sentido que, quer na ciência, quer na filosofia, quer no senso comum, funcionam, muitas vezes, como conhecimentos e pretendem corresponder aos fatos [SANTOS 2007, 145].

A conceituação apresentada evita confundir as posições do novo positivismo com o comtismo e o neokantismo. A objetividade no positivismo lógico é buscada nos enunciados protocolares entendidos como expressão das sensações, isto é, dados elementares do sujeito simples registrados na linguagem da Física. Como não há uma referência maior do que a indicada pela ciência para definir que tais enunciados são verdadeiros ou falsos, a referência física adquire o *status* de metafísica. Dito de outro modo: é realidade o que a Física entende que seja. Nisso reside um dos problemas graves do neopositivismo, nem tudo no universo pode ser descrito como relação e menos ainda como relação quantitativa. A causalidade apreendida nas relações «*é uma restrita espécie de relação no mundo físico, como o sabemos a propósito doutra também muito particular relação: simultaneidade*» [SANTOS 2007, 150].

Daí advém outro problema importante: julgar que verdade é uma relação puramente formal, identificando, inadequadamente, o universo que aí está com sua representação pela Física. Delfim Santos esclarece: «*o critério formal serve apenas para os enunciados analíticos ou tautológicos, como também são chamados*» [SANTOS 2007, 151]. As limitações da lógica nos impedem de tratar do sentido atômico ou molecular duma proposição porque o sentido mesmo contido numa expressão não se deixa decompor como exigem os enunciados protocolares.

No capítulo terceiro denominado *Sentido e Verificação*, o autor observa que não há um sentido único numa mesma expressão linguística, ao contrário ela pode transmitir sentidos diversos. Ele esclarece, em seguida, que o neopositivismo ao tratar da verificação de um enunciado não se refere à

possibilidade prática, mas lógica, de efetivá-lo. No entanto, até a possibilidade lógica depende de uma circunstância cultural. Isso significa que o sentido depende de um aspeto temporal, que não é considerado pelos representantes do novo positivismo. Daí a inevitável conclusão «*em nenhuma época é possível eliminar quer a ilusão, quer o erro que em qualquer verificação reside latentemente*» [SANTOS 2007, 161].

A possibilidade de verificação de um enunciado é relativa e não absoluta, como pretende o novo positivismo. Na maneira de verificar os enunciados divergiram os membros do Círculo de Viena. O assunto será aprofundado no último capítulo da obra, mas já se notam indicações de como o assunto será considerado no exame da realidade. Para os empiristas e fisicalistas, diz o filósofo, a realidade é produto da experiência que se tem do mundo, «*a realidade para cada um é um produto das suas próprias experiências*» [SANTOS 2007, 164]. Se a posição empirista pode ser acusada de solipsista pelos lógicos, a mesma crítica pode ser feita a eles, pois

sob o conceito singular de língua estão compreendidos diferentes linguagens, para adotar a terminologia já usada neste livro, e cada uma delas é condicional por uma especial forma de pensamento [SANTOS 2007, 165].

A distinção entre as duas formas de conhecer, pela experiência e pela razão, remonta a Leibniz e Hume que distinguiram os juízos sintéticos dos analíticos. As indicações de verificação lógica no Círculo, esclarece Delfim Santos, remontam a Wittgenstein, na época (1938) radicado em Cambridge. Russell, o grande lógico de Cambridge, não encontrou nas posições de Wittgenstein nenhum erro lógico capaz de invalidá-las. No entanto, observa Delfim Santos, retomando o que já dissera ao longo do capítulo, o neopositivismo lógico pode ser refutado pelos mesmos argumentos que usa contra os empiristas: sucumbe à circunstância da verificação sendo essa sempre relativa e não absoluta no tempo.

Lógica e experiência é o capítulo que se segue. Nele Delfim Santos apresenta as posições fundamentais de Wittgenstein, considerando que no seu *Tratado* estão as posições de referência dos principais representantes do Círculo de

Viena. O cerne da posição de Wittgenstein constitui o que o autor denomina de mínimo ontológico assim resumido:

o universo é a totalidade dos fatos e não a totalidade das coisas, e é a totalidade que determina o que cada fato é. Os últimos componentes atômicos do universo são ainda, e sempre os fatos [SANTOS 2007, 173].

A proposta considera que não há como se chegar às sensações partindo das coisas e que nisso consiste a grande dificuldade da metafísica tradicional.

O conceito de mínimo ontológico é muito importante na filosofia de Delfim Santos. Ele expressa o reconhecimento, como explicamos em *O conceito de realidade formulado por Delfim Santos de «que há algo fora da consciência e que não é possível reduzir tudo à consciência»* [CARVALHO 2008, 267]. As dificuldades para enquadrar o que está fora da consciência como objeto não autorizam excluí-lo como inexistente, como fez o idealismo. Pelo que a história da filosofia, notadamente o kantismo nos deixou, teremos que conviver com o fato de que nem tudo é cognoscível, mas nem por isto se pode deixar de lado como inexistente o que não é pensamento. Conforme mostramos em *A ideia filosófica de Delfim Santos*:

o ponto de partida para a teoria dos mínimos é o reconhecimento de que o objeto do conhecimento não pode ser um produto, uma criação autônoma da consciência subjetiva [CARVALHO 1996, 192].

Mínimo ontológico é o reconhecimento de que algo está à nossa volta. Delfim Santos fuge das críticas que o idealismo romântico de Jacobi (1743-1819) e Reinhold (1758-1823) «*para quem a filosofia é análise dos elementos da consciência*» [SCIACCA 1968, 57] fez ao kantismo quando disse que conferir significação a algo fora da consciência anula a liberdade do sujeito. Para nosso pensador existência e real não são sinónimos, como entende o senso comum e o idealismo – porque, ele explica em *Conhecimento e Realidade*: «*cada setor da realidade possui para si, e exclusivamente, certo tipo de existência que não se deixa generalizar ou entender*» [SANTOS 2007, 311]. Se a experiência é

importante para o conhecimento, entende Delfim Santos, não é aceitável concluir que os sentidos sejam critério de determinação da realidade pois eles apenas constataam parte dela, representação do real não significa realidade completa.

É Kant quem inspira Delfim Santos, mas suas conclusões vão além das dele. Nosso filósofo diz que o que transcende a consciência é um ato cognitivo que não se completa porque não há pensamento possível do que não é objeto. Esta conclusão é fruto de um diálogo com outro pensador alemão, Karl Jaspers, que apresenta o conceito de englobante para se referir ao que não se objetiva, mas de onde emerge o que se objetiva na insuperável cisão entre sujeito e objeto que forma a consciência. Delfim Santos também não para aí, ele vai além de Jaspers ao reconhecer que são diversos os atos de transcendência para o real e para o ideal, retornando à distinção de Kant agora numa condição diversa: como estrato de uma consciência que é histórica e onde é insuperável a mútua implicação entre sujeito e objeto» [CARVALHO 2008, 268].

Estabelecida a base ontológica da filosofia de Wittgenstein, Delfim Santos volta sua análise para as teses epistemológicas do *Tratado*. Delas o essencial é a «*admissão da possibilidade de expressão total do universo*» [SANTOS 2007, 175]. No que toca à recepção dessas teses pelo Círculo, avalia Delfim Santos,

Carnap é o sistematizador das ideias de Wittgenstein, relativamente à teoria da expressão. Filosofia para Carnap é sintaxe lógica ou, como dirá mais tarde, lógica da ciência [SANTOS 2007, 180].

Entre as outras posições, nosso autor destaca a semântica de Tarski e a teoria de Chwistek. Enquanto Carnap entende que a sintaxe numa língua se expressa nela, Tarski afirma que as noções semânticas possuem caráter relativo e se relacionam a uma determinada linguagem. Assim não se justifica a tese de uma ciência unitária porque a semântica não se aplica nem à planificação fisicalista, nem a planificação positivista. Outro nome importante do diálogo

com Wittgenstein é o lógico polaco Chwistek. Defendendo uma atitude anti-idealista e antipragmatista, ele elabora uma teoria pluralista da realidade com quatro regiões, posição mais próxima à de Delfim Santos. Em sua avaliação crítica das posições anteriormente resumidas notam-se as diferenças entre elas, mas o que lhes fornece o elemento comum é serem estabelecidas com um sentido restrito e particular «à região da realidade a que pertence o seu autor» [SANTOS 2007, 186].

A existência de estratos no real é outro entendimento fundamental de Delfim Santos. Conforme indicamos em *A compreensão do ato educativo e psicoterápico, Delfim Santos e o diálogo Psicologia e Educação*, do homem é possível dizer que ele

é simultaneamente corpo físico com necessidades específicas, um processo vital que se realiza em determinadas condições, uma vida psíquica com impulsos, instintos e emoções e, finalmente, pensamento ou razão [CARVALHO 2006, 25].

A teoria dos estratos é a forma como na consciência se desdobra o mínimo ontológico. Delfim Santos reconhece a matéria, a vida, a consciência e o espírito como um ordenamento possível a ser estabelecido pela consciência para tratar dos objetos no mundo.

Em seguida, o autor examina *Indução e Probabilidade*. Delfim Santos trata no capítulo os dois conceitos partindo das considerações de Wittgenstein sobre a indução. Para o lógico de Cambridge, a indução não é um princípio verdadeiro porque se relaciona com a realidade. Há aqui um problema, pois quando se nega que a indução seja uma lei lógica, reduzindo-a a um plano de expressão, isso contradiz a atribuição de sentido real ao raciocínio indutivo que os neopositivistas aceitam. Como sair do impasse, reconhecendo uma terceira região entre o pensamento e a realidade? Sabemos que os neopositivistas não aceitam tal solução. Ficando-se na lógica de Wittgenstein, rejeitam-se as leis da ciência junto com a metafísica mas, como adverte Delfim Santos, «a descoberta das leis científicas é a mais alta missão do físico» [SANTOS 2007, 188]. De fato, caso se permaneça na lógica do verdadeiro ou falso de Wittgenstein, não haverá espaço para a indução que é um enunciado

de profecia. Tal enunciado reconhece o valor de verdade de uma assertiva sobre o futuro a partir de observação passada. Então a lógica dual não é compatível com a indução, sendo necessário encontrar outra trilha. O que propuseram os neopositivistas para superar tal dificuldade? Traduzir a previsão sob um coeficiente de probabilidade. Para Waismann, o cálculo da probabilidade integra os estudos da Física e para Mises «*a probabilidade tem um fundamento empírico e é assim, também, um ramo empírico da ciência matemática*» [SANTOS 2007, 193].

A questão da indução tornou-se, com eles, um cálculo de probabilidade. No entanto, há de se considerar que

a afirmação lógica da probabilidade não explica o seu valor de indução real e a explicação empírica de probabilidade não traduz o seu valor de indução *a priori* [SANTOS 2007, 194].

A solução apresentada pelos dois positivistas não resolve a questão. Na avaliação de Delfim Santos é preciso admitir diferentes regiões da realidade onde os dois tipos de raciocínio, indutivo e dedutivo, possam ser considerados válidos. Quando se fica na região do pensamento invalida-se, de fato, a prática científica para salvar a lógica dedutiva.

Causalidade e realidade é o capítulo que se segue. Nele Delfim Santos examina esses conceitos importantes e tradicionais da filosofia da ciência. Ele diz que a nova Física se afasta da forma tradicional de entender os mesmos conceitos, procedimento herdado da física mecanicista de Galileu e Newton. A evolução da ciência obrigou à mudança de entendimento dos conceitos uma vez que a Física passou a reconhecer um determinismo não-causal e um indeterminismo que não afasta o princípio de causalidade. O fato altera a visão comum de que investigar

as causas é procurar a lei regente, e a lei sob a qual um fenômeno se produz é também considerada expressão da causa deste fenômeno [SANTOS 2007, 202].

O ponto de partida de Delfim Santos é o que disse Heisenberg sobre causalidade. Para o físico, a mecânica quântica demonstrou a falsidade do

princípio de causalidade quando aplicado à microfísica. Chega-se, assim, ao entendimento de que causalidade é um preceito útil para tratar do movimento em parte do real. A posição de Heisenberg é compatível com o que pensa Schlick para quem

o princípio da causalidade é uma prescrição ou um preceito que indica que devemos descrever os fatos do mundo real segundo uma lei [SANTOS 2007, 204].

Delfim Santos diferencia a posição de Heisenberg e Schlick da visão pragmatista de Dewey, que considera verdadeiro um princípio que a experiência confirma. Philipp Frank, outro representante do novo positivismo, mostra que enunciados muito gerais como a causalidade correm o risco de não terem sentido. Discípulo de Mach, Frank não distingue o mundo real do aparente, como não diferencia percepção e realidade. A realidade não é para ele nem mundo objetivo, independente do observador, nem mundo subjetivo, independente das coisas exteriores

mas sim o mundo constituído pelos únicos elementos experimentalmente comprováveis – a percepção sensorial (...) que seria o correspondente ontológico ao que na linguagem da escola é chamado enunciado protocolar [SANTOS 2007, 206].

Tal posição sugere que o acaso é um problema sem sentido como a causalidade também o é. Essa posição é rejeitada por físicos importantes como Planck e Einstein que avaliam que o princípio de causalidade é fundamental para a Ciência. Esses dois físicos consideram essencial a previsão de acontecimentos futuros a partir de estados presentes no universo. O que o confronto de posições dos físicos sugere, entende Delfim Santos, é que há regiões da realidade

estruturalmente diferentes, conforme a escala de grandeza da observação, e a sua heterogeneidade exige, igualmente, outros princípios explicativos [SANTOS 2007, 210].

O que se pode concluir daí é que o conceito de realidade formulado pela nova física é diverso do tradicional, realidade não é o mesmo objeto de vários tipos de conhecimento. Delfim Santos define realidade como

o conjunto plural de aspetos para cada um dos quais o conhecimento só é possível em função de princípios bem adequados e muitas vezes intransferíveis [SANTOS 2007, 211].

Assim, o que se modificou foi o que muitos consideravam inquestionável: o conceito de realidade.

O penúltimo capítulo é denominado *Leis e princípios*. Ele principia com a elaboração de um conceito de realidade, uma vez que a compreensão inadequada do termo é raiz de muitas dificuldades entre os filósofos da ciência. Se realidade for concebida como região planificada, isto é, com seres ontologicamente iguais, poderemos admitir um só tipo de enunciado capaz de traduzir toda ela. É o que faz o positivismo

admitindo uma concepção monista da realidade – o mundo das percepções – e também um tipo único de enunciado: os enunciados da percepção [SANTOS 2007, 213].

A compreensão positivista tem como limite saber como os princípios e leis se relacionam com a comprovação empírica. As dificuldades enumeradas nos capítulos anteriores ocorrem porque realidade e pensamento

são dois estranhos que se pretendem conhecer sem para isso possuírem qualquer padrão comum que lhes possa servir de critério comparativo [SANTOS 2007, 214].

A diferença entre realidade e pensamento encontra eco na história da filosofia. Nela muitos estudiosos de lógica e epistemologia reconhecem que são distintos

os enunciados que exprimem fatos, os enunciados que exprimem as relações dos fatos entre si e os enunciados que exprimem os princípios ordenadores dos conhecimentos adquiridos [SANTOS 2007, 216].

A dificuldade, bem identificada entre os especialistas, está em como passar dos enunciados de percepção elaborados pela consciência pessoal às leis e gêneros que têm caráter geral. Nessa subida do singular ao universal

as leis valem como regras de associação lógica das constatações de fatos; os princípios valem como regras de associação lógica das leis. Para os princípios, as leis são como casos particulares que é necessário agrupar em gênero mais elevado [SANTOS 2007, 220].

A situação do valor lógico dos princípios num universo unívoco cria dificuldades que o debate entre os positivistas revela. O caminho a percorrer para superar as dificuldades de conceber a realidade como região planificada são praticamente insuperáveis, segundo reconhecem os especialistas. Para enfrentá-las, Delfim Santos trata o conhecimento como função

de duas instâncias que não podem excluir-se, sob pena de reduzirmos o conhecimento a simples pensamento ou a singular empiria, conforme for a base da referência adotada [SANTOS 2007, 224].

Ao colocar a questão dessa forma, o filósofo abre o caminho para o pluralismo ontológico e o reconhecimento das regiões da realidade, aspecto que constitui o eixo principal suas meditações metafísicas de inspiração fenomenológica.

Conforme observa Júlia Leão em sua comunicação *A influência da fenomenologia no pensamento de Delfim Santos*, durante o tempo em que foi bolsista na Alemanha, e enquanto escrevia *Situação Valorativa do Positivismo*, foi-lhe permitido

ouvir as conferências de Husserl e Hartmann, que irão ajudar na transformação da referência filosófica de Delfim Santos, fazendo que este distanciasse gradualmente do rumo de orientação de Wittgenstein e de Carnap primeiramente evidenciado [LEÃO 2008, 190].

A aproximação dos fenomenólogos permite a Delfim Santos não apenas examinar os limites da ciência, mas estudar a realidade humana.

No último capítulo denominado *Racionalidade e Explicabilidade*, Delfim Santos esclarece o limite epistemológico de qualquer metodologia aplicada a um objeto do conhecimento. Diz que

uma teoria do conhecimento que parte dum tipo particular de saber já constituído em ciência é sempre e será somente, a teoria do conhecimento própria à região da realidade a que esse saber diz respeito [SANTOS 2007, 225].

O conhecimento, ele explica, no espírito da fenomenologia de Edmund Husserl, é um ato de conhecer e um objeto para o qual é dirigido intencionalmente o ato. Como explica Júlia Leão:

Regressando a Delfim Santos alegamos que também na sua obra a intencionalidade tem um predomínio vital; não como propriedade descritiva das experiências psíquicas, mas como totalidade concreta na relação sujeito-objeto [LEÃO 2008, 196].

Se ficarmos no ato ou no objeto, a teoria que daí emerge será parcial, entende o filósofo. Como lembra Carlos Morujão: «*Delfim Santos defende que nada é objeto se, primeiro não for objetado, ou seja, exposto diante de um sujeito*» [MORUJÃO 2008, 175]. O reconhecimento deste conteúdo ontológico, contudo, só se mostra na relação fenomenológica sujeito e objeto, como bem observa Júlia Leão: “é lícito afirmar que não há lugar para a existência do sujeito, dado o objeto ser produto da atividade do sujeito” [LEÃO 2008, 191]. Assim Delfim Santos se aproxima do que ficou na filosofia de Karl Jaspers da tradição kantiana, o que é englobante, o que está além da consciência e só se mostra na cisão sujeito e objeto que a tipifica. A consequência disso Delfim Santos explica: «*Mais ou menos é certo que o conhecimento não atinge as próprias coisas, mas só os seus representantes*» [SANTOS 2007, 227]. E leva a questão para dificuldades da tradição empirista segundo se fixe em cada uma das três espécies da representação que se possa

fazer do mundo: a ideia propriamente, o conceito ou a imagem. Cada representação dá origem a uma escola diferente.

O positivismo e em especial o neopositivismo é de certa maneira a combinação de atitudes resultantes da identificação da ideia com o conceito e da imagem com a ideia [SANTOS 2007, 231].

Nessa confusão está o problema do neopositivismo e na sua redução das regiões ontológicas a uma única.

3. A recepção de 'Situação Valorativa do Positivismo' no Brasil

O livro de Delfim Santos foi resenhado pelo mineiro Euryalo Vianna Cannabrava. A extensa resenha foi publicada em *O Jornal* do Rio de Janeiro ao longo de três números de abril de 1939.

Delfim Santos teve notícia da publicação da resenha através de Fidelino de Figueiredo, a quem agradeceu em carta de 13 de maio de 1939, correspondência publicada no livro *Delfim Santos e o Brasil* editado em Lisboa em 2011 pelo Arquivo Delfim Santos, sob a orientação de Filipe Delfim Santos [SANTOS 2011, 57-58].

Quem foi Euryalo Cannabrava? Catedrático da Universidade do Brasil, ele foi, na avaliação de Antônio Paim, o último e o mais importante representante do «*ciclo em que os neopositivistas provêm das humanidades*» [PAIM 1997, 679]. Cannabrava destaca-se em seu tempo como lógico que considera ser tarefa da Filosofia a elaboração de um método linguístico capaz de orientar a meditação sobre as grandes questões que afligem o homem. Distinguindo estruturas perceptíveis do pensamento das estruturas cognitivas, o lógico brasileiro elabora uma filosofia científica que se aplica aos diversos campos do conhecimento. Sua filosofia se pauta num conceito de objetividade da percepção cuja amplitude pretende superar tanto os limites do naturalismo quanto os do idealismo. Ao recordar o eixo fundamental de seu pensamento neopositivista espera-se mostrar que o lógico brasileiro era profundo

conhecedor do problema que Delfim Santos examinou no livro em estudo, conhecimento comprovado na resenha que fez da obra e da forma que a apresentou à intelectualidade brasileira. Os pontos fundamentais da resenha são indicados, a seguir.

Euryalo Cannabrava destaca inicialmente a rara felicidade com que Delfim Santos entrou nas profundas questões da lógica formal e epistemologia contemporânea. Diz que «*o admirável livro de Delfim Santos nos oferece uma exposição crítica dificilmente superada por qualquer outra publicação estrangeira*» [CANNABRAVA 2011, 49]. Afirma, em seguida, que as maiores dificuldades dos representantes do Círculo de Viena e da Escola de Cambridge consistem em que, apesar de sua notável preparação científica, «*se encontram, por assim dizer, desarmados diante dos encantos irresistíveis da lógica formal e da teoria do conhecimento*» [CANNABRAVA 2011, 48]. A dificuldade que Cannabrava aponta foi claramente identificada por Delfim Santos, que aponta o equívoco de se supor, como fez Schlick, que as dificuldades da filosofia seriam eliminadas por um método capaz de eliminar todos os casos insolúveis da especulação. Ao contrário, como observa o lógico brasileiro, Delfim Santos soube indicar que a Escola de Viena não conseguiu, mesmo usando fórmulas rigidamente controladas pela objetividade, fugir da especulação metafísica que condenava.

Cannabrava comenta que o livro de Delfim Santos relata precisamente o propósito dos principais representantes do neopositivismo de retirar dos enunciados científicos o que eles representam, só admitindo como certas aquelas noções que pudessem se submeter ao crivo da experiência sensível. Como indicativo de verificabilidade dos enunciados a maioria dos representantes do Círculo de Viena adotou o modelo consagrado pela Física, fato contestado pelos matemáticos positivistas que reduzem a verdade à coesão das proposições de um sistema. Para superar o impasse entre os dois grupos de integrantes do Círculo, Hans Reichenbach considera o problema da verdade uma questão sem sentido, solução radical para resolver impasses que surgiram entre os representantes do Círculo.

A inspiração de Reichenbach foi o *Tratado* de Wittgenstein, considerado uma referência. Wittgenstein ensinou que os enunciados, além de verdadeiros ou falsos, podiam ser classificados como sem sentido. Esclarece Cannabrava:

Tratava-se de uma nova dimensão na escala dos critérios estimativos que permite eliminar sumariamente da Filosofia e da Ciência uma série enorme de problemas difíceis, incômodos e paradoxais [CANNABRAVA 2011, 51].

Assim procedendo, Wittgenstein criou um passaporte epistemológico para os enunciados sem o qual eles não integrariam o rol das afirmações verdadeiras. As suas próprias afirmações não atendiam a tais critérios e, por isto, o filósofo declarou que «*ao seu Tratado Filosófico constituído por proposições meramente elucidatórias não se deve atribuir sentido algum*» [CANNABRAVA 2011, 51]. Circunstância bizarra, observa Delfim Santos, pois, segundo este raciocínio, os princípios metafísicos não tem sentido, como também não tem nenhum significado o raciocínio que os invalida.

O projeto do novo empirismo era eliminar a Metafísica. No entanto, o encaminhamento dado ao problema da verdade e sua verificação não elimina a Metafísica, explica Delfim Santos, mas um tipo singular de metafísica.

Ao explicar que o novo positivismo não nega a Metafísica, mas apenas um tipo de metafísica, Delfim Santos fortaleceu a investigação metafísica. Além disso, como ele mostrou que o novo positivismo era também um esforço de explicação da realidade, era também, conclui-se, uma metafísica e igualmente um pensamento inválido. Um pensamento inválido não invalida outro. Num artigo intitulado *Os estudos de Schlick sobre a causalidade, uma análise do problema dos universais* [CARVALHO 1986], dissemos que críticas como as de Brüning eram inadequadas porque partiam de uma visão metafísica oposta a de Schlick. Não se pode dizer que Delfim Santos fez concessão a tais críticas, ele não teve nenhuma tolerância com as críticas antimetafísicas do novo positivismo, como sugeriu Álvaro Ribeiro em sua carta de 3 de abril de 1939. Ele apenas não parte de uma metafísica espiritualista. Eis o que Álvaro Ribeiro escreveu a Delfim Santos: «*No seu livro sobre o positivismo surpreendeu-me certa tolerância, certa aceitação, de críticas parcelares à metafísica. A*

eliminação de falsos problemas» [RIBEIRO 2001, 127]. Conforme já deixamos claro no decorrer deste texto, Delfim Santos quis vencer o pensamento positivista no seu próprio campo, mostrando que o novo positivismo não realizava o que prometia. Delfim Santos escreveu no prefácio de *Razão e Contra-razão no nosso tempo*, ao apresentar a obra de Karl Jaspers ao público português: «*O grande inimigo da razão está dentro dela*» [SANTOS s/d, 9]. Trata-se de posição semelhante à do prefaciado, porquanto o alemão defendia a Razão das incursões da Contra-razão tanto nesta obra como no que ele também escrevera na *Iniciação Filosófica*: «*Não se pode fugir à filosofia. Pode-se perguntar apenas se é consciente ou inconsciente, boa ou má, confusa ou clara. Quem recusar a filosofia está realizando um ato filosófico de que não tem consciência*» [JASPERS 1987, 13]. Na carta dirigida a Álvaro Ribeiro em 12 de maio de 1939, em resposta à carta acima mencionada, Delfim Santos confirma sua defesa da metafísica e vai além, ele esclarece que o reconhecimento das regiões da realidade não compromete a ideia de unidade metafísica, mas «*apenas que a metafísica não é uma fome monótona do idêntico*» [SANTOS 1998, 265]. A correspondência com Álvaro Ribeiro mostra que Delfim Santos não foi bem compreendido e não só pelo colega mas por toda uma geração de portugueses, como diz José V. de Pina Martins na introdução ao volume das cartas de Delfim Santos, publicadas como volume 4 de suas *Obras Completas*:

Delfim Santos foi um pensador plenamente realizado na sua vocação de filósofo. Não obstante foi um professor frustrado de Filosofia. Doutorado em Filosofia com unanimidade de votos pela Universidade de Coimbra, a Faculdade de Letras desta universidade relegou-o as trevas exteriores. Professor Catedrático de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, esta o condenou às trevas interiores [SANTOS 1998, 3].

Continuam válidas a investigação das essências, a pesquisa dos valores e a preocupação com o fim da existência que são garantias contra a redução do pensamento às teorias científicas e esquemas lógicos. É à realidade física que os neopositivistas atribuem o valor dos enunciados, mas assim fazendo

extrapolam para outras regiões da realidade o que é válido apenas no âmbito da Física.

O preciso entendimento do livro resumido e comentado permite a Cannabrava referir-se ao autor de *Situação Valorativa do Positivismo* como “um crítico seguro e com ideias próprias” (CANNABRAVA 2011, 55]. Acompanha-o na conclusão de que conhecer é mais do que explicar a apreensão das coisas

porque conhecer é sempre estabelecer relação de tal objeto com a classe ou gênero a que ele suporta ou realmente pertence... conhecimento só se verifica em função de qualquer coisa que transcende o próprio objeto a conhecer [CANNABRAVA 2011, 55].

Ele realça a observação delfiniana de que os neopositivistas consideram como questão sem sentido suas próprias reflexões e observa que a vida como existência livre não interessa ao positivismo sistemático. E é ao tema da existência humana que o filósofo Delfim Santos irá dedicar seus trabalhos finais, e a existência, como construção livre, não se presta a objeto da ciência. A obra é o ponto de partida de uma meditação que vai para além das questões epistemológicas e enfrentará, como já dissemos, «*as críticas ao humanismo, à violência e a intolerância política*» (CARVALHO 2009, 80].

O livro de Delfim Santos chegou ao Brasil num momento em que os cientistas e lógicos estavam completando o afastamento entre o ensino da Ciência e da Metafísica. Assim asseguravam a independência entre eles e a continuidade das duas áreas do conhecimento. Embora o positivismo de Comte ainda influenciasse os assuntos de ética e política no Brasil, a ciência pode avançar liberta das preocupações ontológicas ou restrições religiosas desde a década de 30 do século passado. O livro de Delfim Santos, sugere Cannabrava, é parte do processo de superação do positivismo e das discussões sobre a crise da Física que culmina com a adesão dos cientistas brasileiros à Teoria da Relatividade de Einstein. De fato, Delfim Santos afirmou em seu livro que o importante no neopositivismo é que ele «*leva ao abandono dum parte supostamente sólida do positivismo clássico*» [SANTOS 2007, 241]. O

resultado é uma aproximação mais livre tanto dos novos desafios da ciência, quanto da compreensão dos assuntos filosóficos do momento.

O processo de crítica à visão de ciência do positivismo comtiano iniciado por Otto de Alencar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro durante o século XIX, foi completado pela meditação de Euryalo Cannabrava e outros representantes da Academia de Ciência do Brasil nas primeiras décadas do século passado. Os anos 30 representam a separação definitiva da especulação metafísica e o ensino técnico e científico da Física. O livro de Delfim Santos chegou no momento de transferência do ensino de Física para a Universidade e de sua definitiva estruturação técnica no cenário brasileiro. Fica então clara, para a intelectualidade nacional, a diferença e singularidade dos pensamentos filosófico e científico.

4. Considerações finais

O principal mérito de *Situação Valorativa do Positivismo* é demonstrar que o discurso antimetafísico do Círculo de Viena atinge unicamente certo tipo de metafísica, mas não a Metafísica enquanto reflexão sobre a realidade e que é uma necessidade mesmo encontrar um sentido para a existência do homem e do mundo. Elevar a lógica fisicista, nascida da ciência, à condição de verdade é propor uma metafísica, é um ato metafísico. A conclusão delfiniana recoloca a Metafísica como atividade reflexiva na pauta da discussão contemporânea. Assim o é porque o livro de Delfim Santos mostra que o novo positivismo é uma forma de metafísica que faz emergir o espírito da matéria. Como já dissemos: «*Em oposição às interpretações anteriores, os filósofos analíticos negaram a possibilidade de investigar o polo subjetivo da consciência*» (CARVALHO 1999, 33]. Trata-se de atitude encontrada em outros momentos da história da filosofia. Afirmo Delfim Santos: ela existe tanto no materialismo como no espiritualismo sempre que qualquer um deles – e é isso que os caracteriza – afirma-se como tese cosmogónica» [SANTOS 2007, 238]. Tendo por fundo as referências da fenomenologia de Edmund Husserl, Delfim Santos rejeita das teses do novo positivismo e a redução da realidade ao pensamento,

pois entende que «*são estranhos cuja existência é mutual*» [SANTOS 2007, 239]. O resultado da redução de um aspeto ao outro leva à criação de uma «*teoria da ciência que o positivismo enuncia e que a teoria de uma ciência que não é possível como ciência*» [SANTOS 2007, 240]. O problema dessa abordagem é de tomar como realidade perfeita e científica algo que o pensamento transformou em verdade. É essa atitude redutora o fundamento de uma metafísica

unitária que tem como programa de ação imediata considerar aparente tudo quando é diverso e real apenas o que é idêntico a qualquer ingrediente tomado como protótipo [SANTOS 2007, 248].

A crítica que o filósofo empreendeu à aceitação, como verdade, dos dados protocolares, mostra que nem todos os aspetos da realidade podem ser reduzidos a fatos observáveis, além de recolocar o problema da comunicação objetiva das relações existentes entre os dados protocolares. O problema da comunicação fez emergir posições diferentes dentro do Círculo, parte dos representantes adotando como exato o dado sensorial e outra parte considerando necessário usar critério matemático como garantia de verdade. Nenhum dos grupos superou os problemas da relação causal e objetividade sensorial apontados por Delfim Santos, nem resolveu os problemas das diferentes regiões da realidade. O reconhecimento destas regiões permite a aceitação como válidos de métodos e procedimentos diversos nas ciências sociais, diferentes dos empregados nas ciências da natureza. Delfim Santos revela que o atomismo lógico, como instrumento conceptual, é insuficiente para tratar os objetos das ciências humanas como a Psicologia e a Sociologia, por exemplo. De modo geral se pode dizer que o uso exclusivo da análise lógica como método do conhecimento diminui as possibilidades do pensamento. Em resumo, o reconhecimento da heterogeneidade do real com a identificação de categorias adequadas ao tratamento de cada estrato nele reconhecido é um dos eixos fundamentais do pensamento filosófico de Delfim Santos. A obra aqui estudada é o primeiro esforço sistemático do autor para rejeitar o unitarismo ontológico.

Por sua vez, a resseção da obra de Delfim Santos no Brasil, as críticas que ela trazia ao antigo e ao novo positivismo, contribuiu para ampliar discussões em torno da nova Física e a superação, no âmbito das ciências, das posições do positivismo de Comte que tão forte impacto teve em nossa realidade. Não foi o único fator, mas ajudou na divulgação dos progressos realizados pela matemática e pela lógica no século XIX.

Referências

AZEVEDO, Maria da Conceição (2008) Expressão e verdade – breve comentário. *Delfim Santos e a Escola do Porto, Atas do Congresso Internacional*, Lisboa: INCM.

CANNABRAVA. Euryalo (2011) Resenha de 'Situação Valorativa do Positivismo', F. Delfim Santos, org., *Delfim Santos e o Brasil*, Lisboa: Arquivo Delfim Santos, 47-55.

CARVALHO, José Maurício (1986) Os estudos de Schlick sobre a causalidade, uma análise do problema dos universais, *Fibra 1-2*, Juiz de Fora: UFJF, 33-38.

CARVALHO, José Maurício (1996) *A ideia de filosofia em Delfim Santos*, Londrina: EDUEL.

CARVALHO, José Maurício (1999) *Filosofia da cultura, Delfim Santos e o pensamento contemporâneo*, Porto Alegre: EDIPUCRS.

CARVALHO, José Maurício (2006) A compreensão do ato educativo e psicoterápico, Delfim Santos e o diálogo Psicologia e Educação, Caderno das Artes e das Letras, *O 1º de Janeiro*, Porto, 06/03, 9.

CARVALHO, José Maurício (2008) O conhecimento de realidade formulado por Delfim Santos, *Delfim Santos e a Escola do Porto, Atas do Congresso Internacional*, Lisboa: INCM.

CARVALHO, José Maurício & Marina MADEIRA (2009) A vida como problema; Delfim Santos em diálogo com Ortega y Gasset, *Estudos Filosóficos 2*, São João del-Rei: UFSJ, 68-82.

ARQUIVO DELFIM SANTOS

JASPERS, Karl (1987) *Iniciação Filosófica*, Lisboa: Guimarães.

LEÃO, Júlia (2008) A influência da fenomenologia no pensamento de Delfim Santos, *Delfim Santos e a Escola do Porto, Atas do Congresso Internacional*, Lisboa: INCM.

MARQUES, Maria de Lurdes (2007) *O pensamento filosófico de Delfim Santos*, Lisboa: INCM.

MORUJÃO, Carlos (2008) Delfim Santos, Hartmann e Heidegger, *Delfim Santos e a Escola do Porto, Atas do Congresso Internacional*, Lisboa: INCM.

PAIM, António (1997) *História das ideias filosóficas no Brasil*, 5ª ed. Londrina: EDUEL.

PASZKIEWICZ, Cristiana de (2000) *A filosofia pedagógica de Delfim Santos*, Lisboa: INCM.

RIBEIRO, Álvaro (2001) *Cartas para Delfim Santos (1931-1956)*, Lisboa: Fundação Lusíada.

SANTOS, Delfim (1982) Conhecimento e Realidade, *Obras Completas de Delfim Santos* 1, 2.ª ed., Lisboa: Gulbenkian, 279-352.

SANTOS, Delfim (2007) Situação Valorativa do Positivismo, *Obras Completas de Delfim Santos* 1, 3.ª ed., Lisboa: Gulbenkian, 129-261.

SANTOS, Delfim (s/d) Prefácio a *Razão e Contra-Razão no nosso tempo*, de Karl Jaspers, Lisboa: Minotauro.

SANTOS, F. Delfim, org. (1998) Correspondência de Delfim Santos, intr. de J. V. de Pina Martins, *Obras Completas de Delfim Santos* 4, Lisboa: Gulbenkian.

SANTOS, F. Delfim, org. (2011) *Delfim Santos e o Brasil*, Lisboa: Arquivo Delfim Santos.

SCIACCA, M. Federico (1968) *História da Filosofia* 3, São Paulo: Mestre Jou.

